



TEMA: *Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.*

Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017

CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: UM ESTUDO DE NARRATIVAS ORAIS DO POVO KYKATÊJÊ AMTÀTÍ

Moema de Carvalho Penalva¹ - Unifesspa
Gilson Penalva² - Unifesspa

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Educação, linguagem e diversidade.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge como resultado de uma pesquisa, nominada *Produção de material pedagógico e assessoria linguística e literária a escola indígena Kyikatêjê*, coordenada pela professora Dr. Áustria Brito, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Essa pesquisa abrange estudos linguísticos e literários, sendo que fazemos parte dos estudos voltados para a Literatura e cultura indígena, orientado pelo professor Dr. Gilson Penalva. Ao longo do ano 2016, realizamos coletas e estudos que resultaram nesta discussão.

O objetivo deste artigo é discutir cultura, memória e identidade, com vistas a compreender elementos da identidade cultural do povo Kyikatêjê Amtâtí, a partir de narrativas orais coletadas nessa comunidade. As narrativas foram coletadas, transcritas e analisadas, com base em autores dos Estudos Culturais e pós-coloniais, especificamente que trabalham com oralidade (Walter Ong, Paul Zunthor, Jerusa Pires), memória (Bosi, Benjamim, Polar, Halbwachs) e identidade (Hall, Bhabha, Canclini, Bernd). Essas narrativas irão compor um e-book e servirá como material didático para a escola da aldeia Kykateje.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Em um primeiro momento, foi realizado visitas ao local para aproximação, conhecimento e divulgação do plano de trabalho que seria realizado ao longo da pesquisa. Posteriormente, realizaram-se coletas das narrativas orais, tendo como prioridade relatos dos indígenas velhos, porque, partimos do princípio, que eles possuem mais experiências e saberes do seu grupo. Depois desse momento das coletas, realizamos as transcrições para compor o corpus de narrativas que serão analisadas e/ou farão partes do acervo de narrativas orais, que servirão como material pedagógico na escola indígena. Nesse artigo, a reflexão será pautada em torno da narrativa de um indígena, Aianã, 57 anos, professor da Escola Estadual indígena de Ensino Fundamental e Médio Takti Kyikatêjê, morador da aldeia Kyikatêjê, há apenas cinco anos. Nasceu em Tucuruí, interior do Pará, na aldeia Krantí Kyikatejê.

Para embasar a análise dessas narrativas, utilizamos referenciais teóricos sintonizados com os Estudos Culturais e pós-coloniais, que tem proposto reflexões em torno de culturas e processos de identificações de regiões subjugadas pelo pensamento ocidental. Temas que ficaram por longos anos à margem da reflexão acadêmica brasileira, como escritas negras ou afrodescendentes, relatos indígenas, escritas femininas encontram, na perspectiva dos estudos culturais, suporte teórico e metodológico que permite



TEMA: *Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.*

Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017

repensar a importância cultural e ideológica de parcelas da produção nacional que não tiveram reconhecimento na história eurocêntrica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das narrativas, podemos dizer que, no meio indígena, o velho é muito respeitado e é considerado um representante da coletividade, como se eles fossem os guardiões da memória, da tradição e da sabedoria oral. Essa relação nos faz lembrar das reflexões de Walter Benjamin, em *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, quando fala da função do camponês sedentário, arquétipo do narrador tradicional. O velho se coloca como fonte de saber: ele adquire experiências, de acordo com os acontecimentos do passado, reelabora, atualiza e preenche as lacunas deixadas pelo esquecimento. Dessa forma, observamos que na comunidade Kyikatêjê, o velho tem uma função social. Trazemos as reflexões de Halbwachs retiradas do texto de Ecléa Bosi (1979):

A atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. (BOSI, 1979, p.23)

As narrativas estudadas, nessa pesquisa, foram coletadas em mais de uma visita à aldeia; ouvimos as histórias, de forma individual, dentro das casas dos indígenas. O intuito era realizar perguntas de forma bem natural para deixá-los livres e tranquilos para conversar. Notamos que esse momento é levado com muita seriedade por eles, visto que reconhecem a necessidade de narrar suas experiências e histórias, que estão sendo apagadas e silenciadas ao longo do tempo. No trecho ilustrado abaixo, podemos observar a inquietação do entrevistado em contar o “real” e a experiência vivida por um grupo (a figura do velho indígena se encarrega de ligar os membros de sua comunidade às suas tradições, eles representam uma fonte de saber:

Qual tipo de história? Porque eu vou dizer uma coisa e às vezes não é a certa, porque eu gosto de dizer uma realidade para o pessoal não desmentir a gente mais lá na frente, porque ainda tem aqueles véi que vivem aqui no meio da gente e pode ouvir uma história e dizer que estou contando errado. De qual você quer ouvir? (Relato de Aianã)

Em vários momentos, os indígenas ressaltam que os mais jovens não têm interesse em manter a tradição, fazendo com que não participem das festas culturais e das reuniões com os velhos: “Hoje ninguém quer seguir as regras, hoje mesmo eu falo que tem um pessoal novo que não quer ouvir todas coisas que nós fala, né?!” (Relato de Aianã, 57 anos). Esse desinteresse, a nosso ver, vem da sobreposição da cultura branca



TEMA: *Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.*

Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017

nesse meio e pelos movimentos de unificação da globalização. Os jovens não possuem o mesmo ritmo dos mais velhos, eles estão inseridos em uma outra lógica de consumo/produção, que os impedem de participar e frequentar as mesmas atividades de outrora.

Para Walter Benjamin, em seu ensaio “O narrador”, a narrativa é uma forma de transmissão da experiência. Por conta disso, os viajantes, os imigrantes e os idosos têm mais competência para imaginar, construir e reproduzir histórias. Suas experiências acumuladas ao longo de suas vivências permitem a criação de narrativas que despertam a atenção do ouvinte e/ou leitor. Nas sociedades arcaicas, a narrativa está intimamente ligada à memória e à tradição. Essas sociedades cultivam a memória e a tradição contando e recontando suas narrativas no seio familiar e em espaços comunitários. Essas são alimentadas e renovadas pelas experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da vida. E, a nosso ver, os indígenas se preocupam bastante com a questão da transmissão dos saberes, como forma de propagar a memória e a tradição de geração para geração, garantindo às pessoas sua ligação com o grupo e uma forma de explicação de sua existência.

Tem hora que eu paro e fico analisando como é que eles viviam antes, eu fico até besta quando vocês procura, eu fico analisando como é que eles aprendiam tanta coisa e o branco só fala que pena que nossos avôs não souberam deixar escrito pros nossos filhos acompanhar, né?! Eu andei pensando nas histórias aí pra traz, muitas coisas os mais novos não sabem, mas na verdade era isso, eles viviam e não andavam precisando de remédio, eles viviam tão tranquilos, caçada, festa, tudo isso eles fazia. (Relato de Aianã)

Nesse trecho, com um tom bastante reflexivo, o narrador fala da sabedoria dos antepassados, contando as suas formas de vida. O narrador tem a consciência de que não houve registro escrito em sua cultura, mas, por outro lado, sabe que a sua comunidade faz parte de um outro processo de arquivamento de memórias. Eles repassam e transmitem informações a partir de seus relatos orais, estilo o narrador tradicional benjaminiano. Ele conta, porque ele tem algo a contar e porque precisa reviver suas tradições.

É exatamente essa questão: “conta aquilo que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito”. A preocupação é grande, pois não são apenas histórias individuais que podem ser perdidas, mas toda a história de um povo, que tem costumes, histórias e vidas peculiares. Maurice Halbwachs, em seu clássico livro *A memória coletiva*, considera que a memória deve ser compreendida dentro dos quadros sociais e como um fenômeno dependente dos relacionamentos humanos, mostrando que essa coerência narrativa está sujeita ao entrelaçamento da memória individual e da memória coletiva. Isso é perceptível em vários trechos da narrativa de Aianã. Eles contam, em geral, como funciona a questão do casamento na aldeia, como se relacionam com questões temporais, preparação indígena para jogos, corridas, entre outros relatos da convivência grupal. No trecho abaixo, ele fala da preparação que o indígena deve seguir para ser um bom corredor, já que em seus eventos é tradicional as corridas:

Hoje ninguém quer seguir as regras, hoje mesmo eu falo que tem um pessoal novo que não quer ouvir todas coisas que nós fala, né?! Como a corrida lá, pra corrida o pessoal tem que se preparar, não é só chegar e correr não, se vocês quer que esses menino corre, então vocês começam a cuidar desde agora deles, vocês tem que comprar uma cadeira separada pra eles, uma cama separada, prato separado, copo, tudo tem que ser separadinho, pra ser corredor, pra ser caçador, tudo tem que ser separado, ele não pode sentar nessa cadeira que qualquer um senta, não, e nenhum dos anos, mulher também não pode sentar na cadeira dele não, tem



**Seminário de
Projetos de Ensino**
Diretoria de Planejamento e Projetos Educacionais - DPROJ
14 e 15 de setembro de 2017

TEMA: *Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.*

Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017

que ter o maior cuidado, quando a mulher for sentar na cadeira dele, tem que dizer êpa, essa cadeira aí não, só ele. Aí pra poder dar continuidade pra carreira dele, sim porque eu acho que é assim, quando corre 100 m, a pessoa chega desmaiando e pra nós não existia isso aí é onde nós começa falar, porque hoje eles pensam que estão no meio dos brancos, eles come qualquer coisa, que você sabe que tem muito química nessas comida, e antes não tinha essas comidas, era comida saudável, não tinha sal, nem nada, só comida mesmo, hoje só o berarubu que a gente come sem sal, a carne quando é assada, peixe também (Relato de Aianã)

Em toda o relato de Aianã ele marca as diferenças entre jovens e velhos. Ou seja, o narrador reconhece que o grupo indígena não é homogêneo e padronizado, como muitos tendem a disseminar. É recorrente frases do tipo: “ah, eles usam calça jeans! ”; “nossa, o celular dele é melhor que o meu” ou até “índio só anda de Hilux, não ficam mais na aldeia”, entre outras. Curioso também como ainda hoje várias escolas brasileiras, no dia em que se comemora o dia do índio, pinta as crianças com tintas no rosto e cocar na cabeça. Estamos trazendo essas falas e práticas para pensarmos no discurso que se produz em torno da identidade cultural indígena. Há uma tendência de homogeneizar e tratar as identidades de forma única, igual e imutável. Ainda temos a ideia do índio de séculos passados, muitas vezes, por falta de conhecimento.

Comentários desse estilo, que foi citado acima, fazem parte de um processo, quase sempre, inconsciente de caracterizar o desconhecido a partir de estereótipos que deturparam as realidades. Percebemos, com a leitura da narrativa de Aianã, que não podemos definir o indígena a partir de um único parâmetro, mesmo que seja de uma mesma aldeia: jovens, adultos, crianças, mulheres possuem dissonâncias e diferenças, é isso que sua fala demarca. Ele destaca ainda as mudanças de concepção que foram ocorrendo com o passar do tempo, com a inclusão do branco na cultura do índio. Houve hibridizações, traduções culturais, que não podemos apagar. O índio de hoje não é o índio de ontem.

O que seria o sujeito indígena? Poderíamos defini-lo de maneira coesa, harmoniosa e uniforme? São essas questões que Aianã suscita e nos coloca a pensar. De antemão, podemos anunciar que o indígena é o sujeito fronteiro, híbrido que se reelabora a partir das negociações e das diferenças culturais. Hibridismo é um conceito importante para analisarmos as culturas na contemporaneidade, que nos distancia de concepções de fixidez e nos aproxima de perspectivas de diferença cultural.

Esses questionamentos são importantes para desconstruirmos estereótipos criados em torno desse povo. Essas narrativas juntamente com discussões acerca de identidade, memória e cultura resultaram em artigos que foram apresentados em diversos eventos, alguns deles são: I CONIL dias 23, 24 e 25 de agosto, GELLNORTE no período de 2 a 6 de outubro, IV Semana de Linguagens, Literatura e Culturas na/da Pan4 Amazônia, como também da organização de formações realizadas pela equipe do projeto, na escola da comunidade kyikatêjê.

O projeto permitiu que eu descobrisse na prática como o professor tem um papel fundamental no processo de transformação de uma comunidade. O uso do e-book na sala de aula será transformador, no sentido de fortalecimento e valorização da identidade do povo Kykatejê.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



**Seminário de
Projetos de Ensino**
Diretoria de Planejamento e Projetos Educacionais - DPROJ
14 e 15 de setembro de 2017

TEMA: *Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.*

Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017

Para finalizar, gostaríamos de frisar que se trata de uma pesquisa que aborda apenas uma face da complexidade da cultura indígena. Essa pesquisa é de suma importância, além de necessária, pois trabalha com populações que vivem às margens, que sofrem com os processos de assimilação cultural, e são esquecidas pela mídia, pelo governo, pelas instituições e pela história tradicional. Precisamos dar voz a essas comunidades que guardam a história e a expressão cultural de um povo, que tem muito que contar e nos ensinar.

5. REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planeta sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Tradução Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____: *Magia e técnica, arte e política*. 7 ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória-trabalho. In: _____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, p. 5-29.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Tégina Lessa. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

DERRIDA, Jaques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques, Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LÍVIA, Reis, EURÍDICE, Figueiredo (org.) *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.



**Seminário de
Projetos de Ensino**
Diretoria de Planejamento e Projetos Educacionais - DPROJ
14 e 15 de setembro de 2017

TEMA: *Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.*

Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARTÍN-BARRERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e Hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.